

Fernando Molica

Vidas que tropeçam na poesia

As 428 páginas de “Poeta chileno” (Companhia das Letras), romance de Alejandro Zambra, não tratam de catástrofes, violência ou corrupção na política; seus personagens não são celebridades, jogadores de hóquei ou patinadores. O livro mostra gente comum, pessoas que têm amores, sonhos e frustrações não muito originais — personagens que nos levam a uma leitura densa, simples, divertida e emocionante.

O mote do romance é a história de amor de dois jovens, Carla e Gonzalo, namorados na adolescência que reiniciam uma relação nove anos depois do rompimento. Isso não é um spoiler: na página 43, o narrador, machadianamente, dirige-se ao leitor, avisa do futuro reatamento, e justifica: “(...) é graças a esse reencontro que esta história alcança a quantidade necessária de páginas para ser considerada um romance”.

A graça do livro, assim como de tantas grandes obras de ficção, não é bem seu enredo, mas a maneira como a história é contada. Zambra transforma seus protagonistas em adolescentes como fomos ou gostaríamos de ter sido, cheios de dúvidas e certezas; em jovens adultos enrolados, atolados em questões amorosas e profissionais.

Lá pela página 60, “Poeta chileno” ganha um novo personagem, Vicente, filho de uma relação anterior de Carla. O garoto passa então a ter um papel decisivo, a gerar diversas e lindas questões sobre descobertas, prazeres, erros e paternidade.

O tal poeta citado no título é mais uma referência genérica à quantidade de jovens (Gonzalo e Vicente entre eles) que se dedicam ao gênero literá-

rio. País onde nasceram os poetas Gabriela Mistral e Pablo Neruda, ambos vencedores do Nobel de Literatura, o Chile apertada entre os Andes e o Pacífico muitos e muitos candidatos ao tricampeonato (“Somos bicampeões na copa do mundo de poesia”, frisa outro personagem).

A palavra poeta estampada na capa deve ser lida mais como sinônimo de uma espécie de compromisso dos personagens com uma permanente juventude. E aí não vai uma crítica, um comentário à eventual falta de amadurecimento e de responsabilidade dos que passeiam pelas páginas, mas um elogio à capacidade que têm de não perderem o encanto e a disposição de encararem novos desafios e amores.

O compromisso com a poesia é assim um pacto com a vida, de busca de um verso que melhor traduza o encantamento e a supresa. Uma procura que nem sempre será bem sucedida; na escrita ou na vida o risco de tropeços é grande, a chance de glória, muito menor. Mas, admite Gonzalo, quem já publicou um livro de poesia jamais deixará de ser poeta — uma sina e também um caminho de salvação e consolo.

Ao longo do livro, os personagens mantêm a esperança, a expectativa, a vontade de viver uma vida legal. Preservam a delicadeza de deixar transbordar carinho num simples encontro de padastro com enteado, um chope capaz de superar dores, bolas na trave, silêncios pretéritos e expectativas frustradas, e que talvez apon-te para um futuro. Como escreveu Aldir Blanc, os personagens insistem na juventude — o jeito é pedir mais uma rodada.

Tales Faria

Como dona Flor, Hugo Motta pauta a semana para seus dois maridos

O presidente da Câmara, Hugo Motta (Repúblicanos-PB), está como a Flor, personagem de Jorge Amado que dividia seus dotes entre dois maridos.

De um lado, o presidente da Câmara acena com seus dotes ao governo. De outro, se entrega e faz favores ao Progressistas, seu partido, que jura não integrar o centrão do Congresso, mas vota com esse agrupamento a maior parte das vezes. Como o centrão e o próprio Hugo Motta, o Progressistas ora está de um lado, ora de outro.

A aprovação, ainda nesta semana, do acordo entre o Mercosul e a União Europeia é o aceno da vez de Motta para o governo. Mas, para desespero do Palácio do Planalto, o presidente da Câmara também virou-se para o Progressistas naquilo que menos agrada ao governo: anunciou o deputado Guilherme Derrite (Progressistas-SP) novamente relator do Projeto de Lei Antifacção.

Como relator, quando aprovado pela primeira vez na Câmara, Derrite alterou de tal forma o projeto enviado pelo governo que o Palácio do Planalto chegou a declará-lo completamente “desfigurado”.

No Senado, os governistas e o novo relator, Alesandro Vieira (MDB-SE), derrubaram o texto de Derrite. Aprovaram uma versão que não retira da União o poder de influir na área de segurança dos estados. Mas o texto teve que voltar à Câmara e Hugo Motta devolveu a Derrite. Como dona Flor, entregou-se aos seus dois maridos. Talvez três - ou não se sabe quantos - porque um deles, como o Vadinho do romance de Jorge Amado, tem seus amantes.

Motta deu ao presidente nacional do Progressistas, o deputado Marcos Pereira (SP), a relatoria do acordo entre União Europeia e Mercosul. O deputado é da ala mais próxima ao governo dentro do partido e, quando ministro da Indústria e Comércio, estabele-

ceu laços com o empresariado paulista, que está muito interessado no acordo com os europeus.

No meio do caminho entre seus dois ou três amores - ou sabe-se lá quantos - Hugo Motta havia dado ao relator da PEC (Proposta de Emenda Constitucional) da Segurança, deputado Mendonça Filho (União-PE), o prazo até o Carnaval de fechar um texto de consenso entre os partidos. Mendonça não conseguiu, e o presidente da Câmara adiou a votação que estava prevista para esta semana.

Bom para o governo, que reclama de vários pontos da proposta do relator: as mudanças no SUSP (Sistema Único de Segurança Pública) e a destinação de mais recursos aos estados por meio de fundos nacionais, assim como a proposta de um plebiscito sobre a redução da maioria penal para 16 anos.

O casamento de Motta com o governo ainda não está plenamente consumado. Será posto à prova neste ano nas eleições municipais, na indicação do representante da Câmara como ministro do Tribunal de Contas da União (TCU) e na tramitação dos projetos de derrubada da escala 6x1 e da tarifa zero para transporte público no país.

Na Paraíba, Motta quer o apoio do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) a seu pai, que é candidato ao Senado contra Veneziano Vital do Rego (MDB). Só durante a campanha se saberá, de fato, quem está do lado de quem.

Na eleição do ministro do TCU, também durante a campanha é que se será revelado com qual dos seus “maridos” Hugo Motta ficou. Quando candidato ao comando da Câmara, ele prometeu a vaga a Odair Cunha (PT-MG). Mas o centrão tem dois candidatos, Hugo Leal (PSD-RJ) e Danilo Forte (União). A votação é feita no plenário da Casa e até Arthur Lira (PP-AL) ameaça concorrer.

EDITORIAL

Uma dura estatística sobre o câncer

Quase metade das mortes por câncer no Brasil poderia ser evitada. O dado é duro, incômodo e revelador: 43,2% dos óbitos provocados pela doença no país estão ligados a falhas que vão da prevenção insuficiente ao diagnóstico tardio e ao acesso precário ao tratamento. Em números absolutos, isso significa que, dos cerca de 253 mil brasileiros diagnosticados em 2022 que devem morrer até cinco anos após a detecção, mais de 109 mil vidas poderiam ser preservadas.

Não se trata de um detalhe estatístico. São famílias desfeitas, trajetórias interrompidas, talentos desperdiçados. E, sobretudo, é um retrato das nossas fragilidades estruturais.

O estudo internacional publicado na revista The Lancet coloca o Brasil abaixo da média global de mortes evitáveis, que é de 47,6%, mas isso não é motivo de conforto. Em países do norte da Europa, o percentual gira em torno de 30%. Na Suécia, por exemplo, pouco mais de três em cada dez mortes poderiam ser evitadas. Aqui, são mais de quatro em cada dez.

A diferença traduz o abismo entre sistemas de saúde que funcionam de maneira integrada e aqueles que ainda operam com gargalos crônicos.

O levantamento mostra que parte expressiva dessas mortes

poderia ser prevenida antes mesmo de a doença surgir. Tabagismo, consumo de álcool, excesso de peso, exposição à radiação ultravioleta e infecções evitáveis respondem por uma fatia significativa dos casos. São fatores conhecidos há décadas. Combatê-los exige políticas públicas consistentes, campanhas permanentes, regulação eficaz e educação em saúde, não ações pontuais.

Outra parcela das mortes está associada ao diagnóstico tardio e ao acesso desigual ao tratamento. Nesse ponto, o Brasil convive com uma contradição dolorosa: possui um sistema público universal, mas ainda enfrenta filas para exames, demora na confirmação diagnóstica e desigualdade regional na oferta de terapias modernas.

Em câncer, tempo é prognóstico. Cada semana de atraso pode significar a diferença entre cura e progressão da doença.

O contraste internacional reforça a dimensão do desafio. Enquanto países africanos enfrentam proporções dramáticas de mortes evitáveis, superiores a 60%, nações com sistemas organizados e foco em rastreamento conseguem reduzir significativamente a letalidade. O Brasil não está no pior cenário, mas tampouco, pelo bem de tantas famílias, pode se contentar com a mediania.

Opinião do leitor

Carnaval

Muitos dizem que o ano começa depois do carnaval. Não por menos, depois das festas do Momo acontece o momento de reflexão espiritual, para melhorar o que se deve fazer para não apenas os próximos meses, como também para a vida.

Carlos José Linhares
Rio de Janeiro - Rio de Janeiro

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral) | Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
patrick.bertholdo@correiodamanha.net.br | redacao@correiodamanha.com.br

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sá e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200

Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.